

Classe média encolhe pela 1ª vez em seis anos

● Crise piorou status de 4,2 mi de brasileiros. No 1º semestre de 2009, houve empobrecimento generalizado

Rio. A crise baixou o status socioeconômico de 4,2 milhões de brasileiros que faziam parte da classe AB em setembro de 2008, jogando-os para as classes C, D e E, segundo a Fundação Getulio Vargas, que sustenta que essas pessoas ainda não recuperaram a antiga condição.

Por outro lado, outras 4,7 milhões de pessoas saíram da classe C e ascenderam na pirâmide. Quase um milhão deixou de ser pobre, segundo o estudo. Em termos de fatia da população brasileira, a crise afetou as mudanças das classes socioeconômicas experimentadas pelo país desde 2004, travando o crescimento da classe consumidora, formada pelos grupos ABe C, mostra o estudo.

O universo de brasileiros que integram esse mercado consumidor variou apenas 0,07 ponto percentual -133 mil pessoas-

chegando a 69,21% de todos os brasileiros. O estudo considera classe AB as famílias com renda superior a R\$ 4.807; classe C são os que têm renda familiar entre R\$ 1.115 e R\$ 4.806. Abaixo disso, seria a chamada baixa renda, que compreende a classe D, com renda familiar entre R\$ 804 e R\$ 1.115, e a classe E, com renda até R\$ 803. Motor do consumo, a classe C perdeu 400 mil pessoas - é o saldo entre as que saíram do grupo e as que passaram a integrá-lo. É o primeiro ano desde 2004 que o grupo perde vigor.

Embora tenha caído, o grupo dos mais pobres, a classe E, não encolheu em 2009 como nos anos anteriores: variou de 17,68% da população brasileira para 17,42% -que representa hoje 33 milhões de brasileiros. No melhor ano, entre 2003 e 2004, havia recuado de 29,95% dos brasileiros para 25,27%.

Responsável pela pesquisa, o economista Marcelo Neri afirma o tamanho dos grupos só se aproximou do que era antes da crise nos últimos meses do ano. No primeiro semestre de 2009,

✦ Enquanto muitos tiveram status piorado, outros 4,7 milhões de pessoas saíram da classe C e ascenderam

houve empobrecimento generalizado, com perda de renda em todas as classes. "Foi um empate técnico com muitos gols. No começo da crise, tivemos nem uma tsunami nem uma marola. Foi uma ressaca, uma pancada súbita. Os dados permitem apontar melhoras no fim do ano." O pesquisador diz já identificar sinais de retomada das mudanças sociais a partir do ponto abandonado na crise.

Segundo suas projeções, se o ritmo recuperar a média dos cinco anos anteriores à crise, a faixa de pobreza, onde estão 17,42% dos brasileiros -hoje 33 milhões- cairia à metade. ●

COMENTE

✉ economia@diariodonordeste.com.br

COM A CRISE



A crise econômica breou o avanço contínuo que a classe média vinha registrando desde 2004, segundo constatou estudo da Fundação Getúlio Vargas FOTO: JULIANA VASQUEZ